

DA ORALIDADE PARA A ESCRITA EM KIT DE LIVRO E FANTOCHES ÉTNICOS: UM REGISTRO BILÍNGUE DE NARRATIVAS INDÍGENAS JAVAÉ

Rosana Peixoto da Silva¹, Cecília Antunes de Freitas², Samylla Simybi Santos Silva³, Solange Cavalcante de Matos⁴, Edna Maria Cruz Pinho⁵,
Manuel Tomaz Ataíde Júnior⁶

^{1,2,3}Estudantes do Curso Superior de Licenciatura em Teatro – IFTO/Campus Gurupi. e-mail: <rosanapeixoto62@gmail.com>; <ceciliaillustracoes@gmail.com>; samylla.silva@estudante.ifto.edu.br

⁴Docente dos cursos técnicos e superiores do IFTO/Campus Gurupi. Orientadora. e-mail: <solangematos@ifto.edu.br>

^{5,6}Docentes do Curso Superior de Teatro do IFTO/Campus Gurupi. Colaboradores. e-mail: <ednapinho@ifto.edu.br>; <nelito_art@ifto.edu.br>

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país rico em diversidade cultural e étnica, sendo que os povos indígenas, nativos desta terra, somam 1,7 milhão de pessoas, de acordo com o último Censo do IBGE (BRASIL, 2022). Ao todo são 305 povos indígenas, falantes de 274 línguas diferentes, os quais, mesmo apesar do convívio intercultural com a sociedade não indígena, ainda procuram manter vivas suas tradições culturais e modos de vida. No estado do Tocantins, a população indígena é de aproximadamente 16.354 indivíduos, dentre os quais estão os Javaé, sujeitos da nossa pesquisa, cuja população é de 1.526 indígenas aldeados (DSEI/TO, 2022).

No que concerne aos processos educacionais, todos esses povos autóctones brasileiros têm direito a uma educação escolar indígena diferenciada, intercultural e bilíngue, objetivando, consoante o Artigo 78, inciso I, da Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), “proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências” (BRASIL, 1996).

Nesse contexto, diante da relevância e necessidade de contribuição efetiva para a educação escolar indígena e para a manutenção e preservação da língua e da cultura do povo Javaé, o trabalho em tela surgiu a partir de demanda advinda da própria comunidade indígena, a qual solicitou auxílio aos pesquisadores no registro escrito de suas narrativas ancestrais de tradição oral, pois essas histórias estão sendo esquecidas, sobretudo pelos mais jovens, devido ao contato intercultural com a sociedade não indígena.

Assim, como desdobramento da Tese de Doutorado de Matos (2023), o projeto em tela, além de registrar e ilustrar, em um livro bilíngue, narrativas indígenas que trazem aspectos socioculturais e cosmológicos do povo Javaé e fazem parte do imaginário coletivo e da história desse povo, teve também como produtos fantoches étnicos para a contação de uma das histórias do livro e a realização de mostras de teatro de fantoches em duas aldeias Javaé (as aldeias Boa Esperança e Kanoano), sendo que todo o material produzido foi distribuído nas escolas das aldeias Javaé para ser utilizado como material didático pelos professores em sala de aula.

Cumprе salientar que o projeto, vinculado ao grupo de Pesquisa Observatório de Povos Tradicionais do Tocantins – OPTTINS, foi realizado com recursos da Lei Complementar nº 195/2022 (Lei Paulo Gustavo – LPG), por meio de aprovação no Edital nº 19/2023, da Secretaria de Cultura do Estado do Tocantins – SECULT-TO, e contou com a colaboração de professores e estudantes do Instituto Federal do Tocantins – IFTO/Campus Gurupi e de professores e alunos indígenas das escolas indígenas Watakuri (localizada na aldeia Boa Esperança) e Tainá (localizada na aldeia Kanoano).

2 OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar o processo de organização do livro bilíngue “*Hÿña Ijyy – narrativas ancestrais Javaé*”, bem como de confecção de fantoches étnicos para a contação de uma das histórias registradas no livro; analisando as contribuições de todo o

processo para a educação escolar indígena dos Javaé e para a formação dos professores indígenas e não indígenas que atuam nas aldeias pesquisadas, bem como para a formação das licenciandas em Teatro do IFTO/Campus Gurupi envolvidas no projeto.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização do projeto, foi utilizada a pesquisa-ação participante, postulada por Thiollent (1986), a qual, em parceria com os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Etnografia, nos permitiu, além de conhecer a realidade observada e fazer o registro bilíngue das narrativas ancestrais, propor ações, por meio de oficinas pedagógicas, planejadas em parceria com a própria comunidade indígena, que contribuíssem para a melhoria de suas práticas educacionais.

É importante mencionar que, por se tratar de uma pesquisa que envolve comunidades indígenas, foi necessária a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que emitiram os seguintes pareceres favoráveis à realização do projeto: Parecer CEP/UFT n° 3.786.117 e Parecer CONEP n° 3.926.694. Além disso, a entrada dos pesquisadores na terra indígena foi autorizada pela FUNAI (Autorização n° 7/AAEP/PRES/2020). Cumpre ressaltar também que todos os participantes da pesquisa (professores, estudantes, anciãos e artesãos) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como o termo de autorização de uso de imagem.

Assim, de posse das devidas autorizações legais e éticas, foram realizadas 4 (quatro) visitas à aldeia Kanoano, entre os meses de março a setembro de 2024, e 2 visitas à aldeia Boa Esperança, entre os meses de agosto a outubro de 2024, para escolha, registro bilíngue e ilustrações das narrativas que comporiam o livro; e para a realização de oficinas de desenho e pintura, de confecção de fantoches étnicos e de montagem e apresentação de teatro de fantoches.

Cumpre salientar que realizamos um menor número de visitas à aldeia Boa Esperança porque utilizamos as narrativas já registradas na Tese de Matos (2023), cuja pesquisa foi realizada nesta aldeia, sendo necessário apenas selecionar os textos e fazer algumas ilustrações e revisões juntamente com os professores indígenas e anciãos envolvidos no registro dos textos. Para a seleção dos textos que fariam parte do livro, levamos em consideração as escolhas dos autores (professores indígenas e anciãos da aldeia), os quais preferiram as histórias que abordavam mais as questões culturais e cosmológicas do povo Javaé, a fim de preservar tais aspectos da sua cultura – critério também considerado nos registros feitos na aldeia Kanoano.

Na confecção dos fantoches étnicos, foi utilizado, como matéria prima principal, o talo da palmeira buriti. Os fantoches foram esculpidos por um professor de artes visuais do IFTO/Campus Gurupi, coautor deste trabalho, e customizados por professores e estudantes indígenas e artesãos das aldeias envolvidas, os quais contribuíram na caracterização por meio de pinturas indígenas e adereços Javaé. Já as oficinas de desenho e pintura e de montagem e apresentação de teatro de fantoches étnicos, ofertadas aos professores e estudantes das escolas das duas aldeias, foram realizadas por acadêmicas do curso de licenciatura em Teatro do IFTO/Campus Gurupi, sob a orientação de professores do curso (da área de Teatro, Pedagogia e Letras).

Para o registro das narrativas na aldeia Kanoano, foram utilizadas gravações em áudio e/ou vídeo, e para a transcrição das histórias para a modalidade escrita, foi utilizado *notebook*. Posteriormente, os textos eram revisados por seus autores indígenas, os quais elaboravam a versão em língua indígena Javaé (*iny rybè*), fazendo também as devidas revisões linguísticas.

Todo o processo realizado nas duas aldeias foi analisado de forma qualitativa, procurando relacionar as práticas desenvolvidas nas escolas indígenas aos pressupostos teóricos da educação

escolar indígena e da formação de professores indígenas e não indígenas que atuam nas aldeias, com base, principalmente, nos estudos de Maher (2006) e Matos (2023).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização do projeto “*Da oralidade para a escrita em kit de livro e fantoches étnicos: um registro bilingue de narrativas indígenas Javaé*”, nas aldeias Kanoano e Boa Esperança, contribuiu, sobremaneira, para a preservação e valorização da língua e da cultura Javaé, bem como para a educação escolar indígena desse povo, posto que, conforme constado por Matos (2023), até então não havia nas escolas das aldeias materiais didáticos específicos produzidos na língua indígena Javaé, que considerassem os conhecimentos e a cultura desse povo, o que dificultava bastante o trabalho dos professores das disciplinas de saberes indígenas e de língua indígena.

Assim, ao publicarmos o livro bilingue “*Hÿñna Ijyy – narrativas ancestrais Javaé*”, estamos contribuindo positivamente com os processos educacionais dos Javaé, além de valorizar e (re)construir a identidade desse povo, pois as suas narrativas ancestrais, de tradição oral, trazem para o presente as experiências e saberes do passado que fazem parte da sua cultura, história e cosmologia (MATOS, 2023). Destarte, ao registrá-las em um livro bilingue para ser utilizado nas escolas, estamos contribuindo para que a memória, a cultura e a língua do povo Javaé não se percam. Ressaltamos que, apesar de o projeto ter sido realizado em apenas duas aldeias Javaé (Boa Esperança e Kanoano), os produtos resultantes do mesmo (400 exemplares do livro e 10 kits de fantoches étnicos) foram distribuídos para todas as 10 escolas indígenas Javaé da Superintendência Regional de Ensino de Gurupi – TO.

Cumpre salientar que todo o processo de registro das narrativas, oficinas de ilustrações dos textos e de montagem da mostra de teatro de fantoches foi feito levando em consideração os conhecimentos e saberes dos professores indígenas e anciãos envolvidos, os quais participaram ativamente das decisões a respeito de quais histórias gostariam de registrar, como os personagens deveriam ser ilustrados (inclusive, todas as ilustrações das dez narrativas do livro foram feitas por indígenas das duas aldeias), e também quais adereços e pinturas os fantoches étnicos deveriam ter (ver Figura 1 abaixo). Tal postura está em consonância com o que Maher (2006, p. 26) diz a respeito da principal função do professor indígena, qual seja: “registrar os conhecimentos tradicionais indígenas, tornar-se ‘guardião da herança cultural’ de seu povo”.

Figura 1: fotos dos registros e ilustrações das narrativas, customização das roupas dos fantoches e mostra de teatro de fantoches e lançamento do livro nas aldeias



Fonte: Arquivo pessoal

No que tange à formação dos professores indígenas e não indígenas que atuam nas escolas das aldeias Kanoano e Boa Esperança, bem como das acadêmicas do curso de Licenciatura em Teatro do IFTO/Campus Gurupi envolvidas no projeto, a troca intercultural foi bastante produtiva, posto que as acadêmicas e seus professores orientadores puderam contribuir com a comunidade indígena, compartilhando os conhecimentos a respeito de técnicas de desenho e pintura e técnicas teatrais

aprendidas na universidade, adquirindo, outrossim, um rico conhecimento *in loco* sobre os processos educacionais dos Javaé, bem como sobre sua cultura, modo de vida e saberes tradicionais. Essa interculturalidade, isto é, o “conseguir fazer dialogar comportamentos e conhecimentos construídos sob bases culturais distintas e frequentemente conflitantes é atualmente entendida como o esteio, a razão de ser da escola indígena” (MAHER, 2006, p.27).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos o projeto e entregarmos às escolas indígenas Javaé o livro bilíngue “*Hỹ̃na Ijyy – narrativas ancestrais Javaé*”, o qual contém um rico compêndio de narrativas de tradição oral que não são apenas simples histórias, mas sim alicerces que sustentam a identidade, a cultura e a espiritualidade do povo Javaé; entendemos que estamos contribuindo para a continuidade dessa rica cultura e para a autonomia dos Javaé em seus processos educacionais, já que os protagonistas dessa construção coletiva foram eles mesmos.

Esperamos que os kits de livro e fantoches étnicos entregues às escolas indígenas sejam, de fato, utilizados em sala de aula e que possam inspirar novos trabalhos nessa área para que a educação escolar indígena seja, de fato, diferenciada e focada em elementos da própria realidade das aldeias, como a relação intrínseca dos indígenas com a natureza, seus costumes, valores e sabedoria coletiva, que estão presentes em suas narrativas ancestrais.

Ressaltamos que aprendemos mais com os Javaé do que os ensinamos, pois a sabedoria, paciência, resiliência, arte e respeito pela natureza e por seus semelhantes nos inspiram a sermos pessoas melhores e a valorizarmos o que realmente importa.

6 AGRADECIMENTOS

Ao Ministério da Cultura e à Secretaria da Cultura do Estado do Tocantins (SECULT/TO); ao Grupo de Pesquisa Observatório de Povos Tradicionais do Tocantins (OPTTINS); e ao povo indígena Javaé das aldeias Boa Esperança e Kanoano (Escolas indígenas Watakuri e Tainá).

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 08 set. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas/IBGE. *Censo Demográfico 2022 - Indígenas*. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102018.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2025.

DSEI/TO – *Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins*. 2022. Dados encaminhados por e-mail em 15 de set. de 2022.

MAHER, Terezinha Machado. Formação de professores indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi (Org.). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: SECAD/MEC, 2006. p. 11 – 37.

MATOS, Solange Cavalcante de. *Contribuições das narrativas ancestrais Javaé para os multiletramentos na aldeia Boa Esperança, na perspectiva bilíngue e intercultural*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, Araguaína – TO, 2023.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.